

Depoimento sobre antropologia dos Gerais: entre Pataxó, Krenak e Xakriabá

Carlos Caixeta de Queiroz
Fabiano José Alves de Souza

No dia 17 de agosto de 2023, a convite da Professora Felisa Anaya e Professora Andréa Zhouri, atual presidente da Associação Brasileira de Antropologia, tivemos o prazer de participar, juntamente com outros(as) professores(as) da Universidade Estadual de Montes Claros/MG, do evento *RBA 70 anos: antropologia dos Gerais e a defesa dos direitos fundamentais*. O evento ocorreu na cidade de Montes Claros/MG como parte comemorativa dos 70 anos da Reunião Brasileira de Antropologia. O que se pediu no convite era que os(as) professores(as) elaborassem breves comentários sobre os estudos ou as pesquisas que cada um(a) deles(as) estava desenvolvendo ou tinha desenvolvido. Então, o propósito aqui é muito simples: expor relatos, depoimentos e reflexões sobre os estudos com povos indígenas no contexto de uma instituição situada no chamado Gerais.

O título do evento, *RBA 70 anos: antropologia dos Gerais e a defesa dos direitos fundamentais*, nos pareceu, além da rima, bastante sugestivo para se fazer três reflexões.

A primeira reflexão, apenas para mencionar, é que a antropologia, em Minas Gerais, se estabeleceu bem tardiamente se compararmos a outras regiões centrais do Brasil. E nos Gerais, ou no norte das Minas Gerais a antropologia estaria numa situação ainda mais periférica. O estudo com populações indígenas deveria ir muito além dos povos situados no norte de Minas. Portanto, poderíamos dizer que, aqui nos Gerais, estaríamos

fazendo uma antropologia emergente. E essa antropologia emergente deveria ir além dos Gerais ou nos Gerais, para lembrar de Geertz (1978), para quem a antropologia não estuda lugares, mas nos lugares. Pois vejamos.

Segunda reflexão: de acordo com dados da COPIMG (Conselho dos Povos Indígenas de Minas Gerais), existem 10 povos habitando a região de Minas Gerais. No entanto, dados mais recentes disponíveis no sítio do CEDEFES (2024) destacam que, em Minas Gerais, há 19 etnias indígenas: Maxakaki, Xacriabá, Krenak, Aranã, Mukuriñ, Pataxó, Pataxó hã-hã-hãe, Catu-Awá-Arachás, Kaxixó, Puris, Xukuru, Kariri, Tuxá, Kiriri, Canoeiros, Kamakã, Karajá, Guarani e Pankararu.

O que se colocou, então, na ocasião do encontro, foi pensar nas especificidades de cada grupo indígena na região de Minas Gerais, embora todos compartilhem uma história de dominação imposta pelos segmentos da sociedade brasileira ou de controle e violência instituídas pelas imposições históricas de políticas indigenistas e pelos impactos de megaprojetos nos territórios de vários grupos indígenas, como foi o caso mais recente do rompimento da barragem de dejetos da mineradora Vale que devastou o território dos Krenak.

Uma das políticas indigenistas de controle e desterritorialização e/ou deslocamento de vários grupos indígenas, que estudamos, foi o processo de militarização das relações interétnicas implementado pelo SPI e depois a FUNAI (Caixeta de Queiroz, 1999).

Trata-se de uma instituição punitiva criada no Estado de Minas Gerais em 1968 na área indígena pertencente aos índios Krenak, margem do médio Vale do Rio Doce, hoje, município de Resplendor, oficialmente conhecida como “Centro de Reeducação Indígena de Krenak”. Segundo a ideologia indigenista da época, a instituição deveria cumprir a função de “reeducar” indígenas considerados “criminosos”. Para a área dos Krenak, foram levados indígenas de várias etnias de diversas áreas do Brasil.

Em 1972, a área dos índios Krenak, onde funcionava a cadeia indígena, foi trocada pela Fazenda Guarani, no município de Carmésia, em Minas Gerais. Até então, essa Fazenda pertencia à Polícia Militar de Minas Gerais

e era usada como treinamento antiguerrilha; mas por meio de um acordo, o Estado doou a área para a União e a FUNAI resolveu transformá-la em uma colônia agrícola, transferindo para lá os índios prisioneiros juntamente com os índios Krenak, e posteriormente, índios Guarani e Pataxó.



Figura 1 – Antiga sede da Fazenda Guarani

Fotografia: Carlos Caixeta de Queiroz.



Figura 2 – Sede da antiga Fazenda Guarani

Fotografia: Carlos Caixeta de Queiroz.



Figura 3 – Sede da FUNAI na Fazenda Guarani

Fotografia: Carlos Caixeta de Queiroz.



Figura 4 – Fazenda Guarani

Fotografia: Carlos Caixeta de Queiroz.



Figura 5 – Pataxó mostra a cela da prisão na Fazenda Guarani.

Fotografia: Carlos Caixeta de Queiroz.

A instituição de uma “Colônia Penal para Indígenas” em Minas Gerais foi um processo de militarização das relações interétnicas. Essa política indigenista, marcada pelo autoritarismo e desrespeito aos direitos indígenas, teve como uma das consequências a imposição da violência do mundo dos brancos aos modos e costumes das sociedades indígenas. Uma das consequências mais violentas foi o processo de desterritorialização ou deslocamento forçado de grupos indígenas inteiros. Os Pataxó foram transferidos juntamente com Guarani, Maxakali, Pankararu, Terena e Krenak para a Fazenda Guarani. Hoje, na antiga Fazenda Guarani, vivem somente os Pataxó distribuídos em quatro aldeias.

Os Pataxó se mobilizaram e se articularam com o mundo do branco para apropriarem e garantirem seu território e seus direitos e costumes

em variadas formas de estratégia de resistência. É um processo que envolve a afirmação de suas cosmologias relacionadas com a terra, as crenças, as mitologias, a religiosidade e as festividades. Festas, mitos, cerimônias, artesanato, danças e canções marcam a afirmação de um sentimento identitário. É um projeto que envolve “puxadas de rama” (Souza, 2015; Souza *et al.*, 2022; Souza, 2024). As festas Pataxó reelaboram uma nova relação entre natureza e cultura, entre humano e não humano, entre mito e história.



Figura 6 – Festas Pataxó.

Fotografia: Carlos Caixeta de Queiroz.



Figura 7 – Festas Pataxó.

Fotografia: Carlos Caixeta de Queiroz.



Figura 8 – Festas Pataxó.¹

Fotografia: Carlos Caixeta de Queiroz.



Figura 9 – Festas Pataxó.

Fotografia: Daniele do Carmo Silva (Unimontes).

1 Filme Kãñã Mihay. https://www.youtube.com/watch?v=lrEWWIA_Lp4&list=PLeHeOeibOX-WAs0UB80mGKGg7fg98npO-&index=2

Para compreender esses processos socioculturais entre os povos indígenas de Minas Gerais, criamos o projeto Grupo de Estudos Interdisciplinares com Povos Indígenas (GEIPI-ABÁ). “O GEIPI-ABÁ consiste em um grupo de estudos composto por professores e acadêmicos da Universidade Estadual de Montes Claros e do Campus Montes Claros da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ao longo dos últimos anos, o grupo de estudos vem trabalhando no sentido de assegurar um lugar de voz e vez aos povos indígenas na comunidade acadêmica, em particular, na Universidade Estadual de Montes Claros onde ainda são vigentes os tradicionais modelos monoe-pistêmicos de ensino e pesquisa. A inclusão dos povos indígenas e seus conhecimentos tradicionais na universidade é um objetivo fundamental do GEIPI-ABÁ” (Souza *et al.*, 2022). Fazem parte do GEIPI-ABÁ os professores Cássio Alexandre da Silva, Heiberli Hisberg Horácio, Fabiano José da Silva, Carlos Caixeta de Queiroz e Frederico Mineiro.

O projeto GEIPI-ABÁ compreende um amplo espectro de objetivos que relaciona aos interesses de seus participantes. Em resumo, abordaremos aqui algumas temáticas.

A compreensão das festividades Pataxó faz parte dos objetivos dos integrantes do grupo. Atualmente são realizadas festas na Área Indígena Pataxó em Carmésia/MG. Essas festas marcam momentos importantes de resgate da memória e das expressividades culturais indígenas que estabelecem relações com o mundo externo à sociabilidade Pataxó. Os trabalhos do Professor Fabiano José Alves de Souza estão situados nesta temática, conforme já citamos.

Importa mencionarmos os trabalhos relacionados à cartografia social nas comunidades limítrofes da Terra Indígena Xakriabá no Norte de Minas Gerais, coordenado pelo professor do Departamento de Geociências Cássio Alexandre da Silva. Entre outras produções, citamos a tese de doutorado *A Natureza de um Territorial no Sertão de Minas Gerais: a ação territorial dos Xakriabá*, defendida no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) (Silva, 2014).

Outra importante frente são as pesquisas sobre as dinâmicas da religiosidade do Povo Indígena Xakriabá, coordenado pelo professor Heiberle Hirsberg Horácio, que publicou o trabalho *Aspectos da Religiosidade do Povo Indígena Xakriabá* (2018), resultado do seu Pós-doutorado em Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) (Horácio, 2018a; 2018b).

Um dos objetivos do projeto GEIPI-ABÁ é compreender as festividades Pataxó e a redefinição de territorialidade. Anualmente são realizadas festas na Área Indígena Pataxó em Carmésia/MG. Estas festas marcam momentos importantes de resgate da memória e das expressividades culturais indígenas ao mesmo tempo em que estabelecem relações com o mundo externo a sociabilidade Pataxó.

Vale destacar outra atividade do GEIPI-ABÁ, envolvendo também a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITPC/UNIMONTES), a partir do forte protagonismo de artistas indígenas Xakriabá, sobretudo do mestre e artista Ney Xakriabá, que é a articulação da Associação Indígena de Artesãos Xakriabá (AIA). Os artesãos Xakriabá retomaram a prática da cerâmica como uma forma de resgate da ancestralidade cultural Xakriabá. Segundo os artesãos Xakriabá, o barro, a argila para a confecção da cerâmica, possibilitaram o fortalecimento da cultura indígena e a criação de novos parentes. Ou seja, a possibilidade de uma nova relação entre os indígenas e não indígenas e entre humanos e não humanos. Destacando a cosmologia indígena sobre o homem e a natureza (SOUZA *et al.*, 2022).

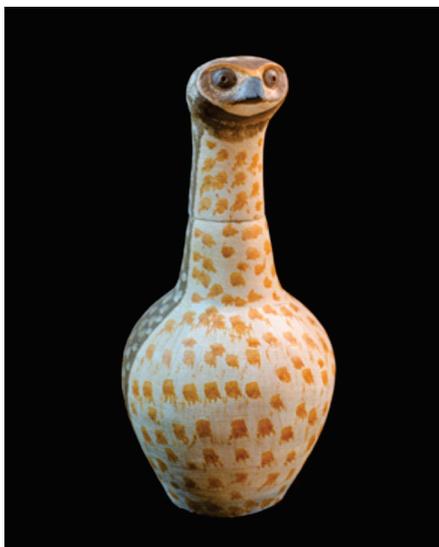


Figura 10 – Cerâmica Xakriabá.

Fotografia: Ney Xakriabá.

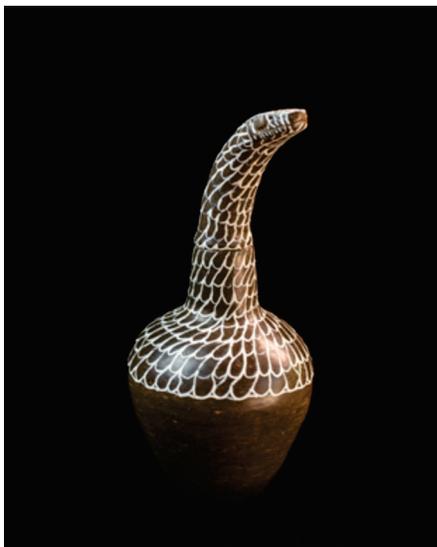


Figura 11 – Cerâmica Xakriabá.

Fotografia: Ney Xakriabá.



Figura 12 – Cerâmica Xakriabá.

Fotografia: Ney Xakriabá.



Figura 13 – Modelagem do barro.

Fotografia: Ney Xakriabá.

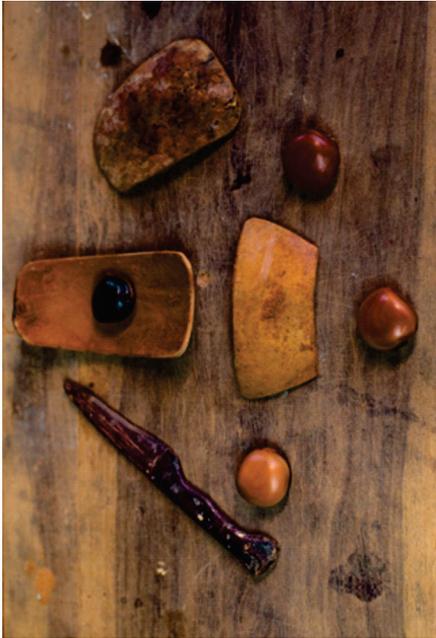


Figura 14 – Instrumentos modelagem do barro.

Fotografia: Ney Xakriabá.



Figura 15 – Forno para queima da cerâmica.

Fotografia: Ney Xakriabá.

Como terceira reflexão, conforme afirmamos no início, e como conclusão, acreditamos que a prática da antropologia deve ser muito mais que um projeto científico. Deve ser um diálogo como os povos indígenas. Nós, que fazemos uma antropologia aqui nos Gerais, buscamos incorporar as formas de pensar e de conhecimentos próprios dos indígenas, a fim de atender às suas demandas e preocupações.

Referências

CAIXETA DE QUEIROZ, C. Política Indigenista: proteção ou dominação? *Cadernos de Educação FAE, UEMG*, Belo Horizonte, v. III, p. 18-36, 1988.

CAIXETA DE QUEIROZ, C. *Punição e Etnicidade: estudo de uma “Colônia Penal Indígena”*. 199. 137 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa

de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

CEDEFES. *Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva*. Disponível em: <https://cedefs.org.br>. Acesso em: 2 maio 2024.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HORÁCIO, H. H. Aspectos da religiosidade do Povo Indígena Xakriabá. *Revista Mundaú*, n. 4, p. 30-51, 2008a.

HORÁCIO, H. H. O genocídio contra o Povo Indígena Xakriabá e o Cacique Rosalino que “morreu para ser adubo da justiça da fulô”. Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia-ABA, realizada entre os dias 9 e 12 de dezembro de 2018b, UnB, Brasília/DF.

SILVA, C. A. da. *A natureza de um território no sertão do Norte de Minas: a ação territorial dos Xakriabá*. 2014. 267 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

SOUZA, F. J. de. *Os Pataxó em morros brutos e terras fanosas: descortinando o movimento das puxadas de rama*. 2015. 271 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

SOUZA, F. J. de. *Os distintos seres do universo Pataxó e os movimentos das puxadas de rama em Minas Gerais*. Anais do V Congresso em Desenvolvimento Social. Estado, Meio Ambiente e Desenvolvimento, 2016.

SOUZA, F. J. A. de. *Entre mundos esgotados, territórios encantados e seres outros-que-humanos: abordando diferentes aprendizados com os Pataxó*. *Argumentos*, v. 21, n. 1, p. 61-80, 2024.

SOUZA, F. J. de; SILVA, C. A.; VELDER, F. V.; SILVA, V. L. A retomada da cerâmica Xakriabá: entre a produção e circulação de peças, saberes e parentescos. *Maloca* – Revista de Estudos Indígenas, Campinas, v. 5, p. 1-36, 2022.